

## OS ASSALTANTES DA CULTURA PERDIDA

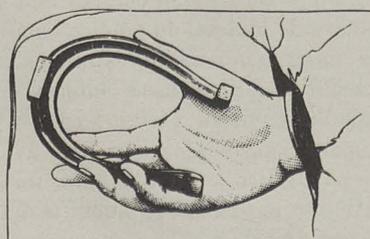
Os dias e as semanas foram passando sobre o prazo que a SEMA me concedera para entrega deste texto e cada vez mais me sentia pèrplexo acerca do que me era proposto ou me propunha. Entre a inutilidade da repetição ou das “banalidades de base” e o sentimento da ineficácia de um discurso que não aborda um tema, mas uma imensidade, foram-se sucedendo vários textos esboçados, começados e rasgados. Isso não é grave, porque outros irão sem dúvida dizer com mais rigor, saber e coerência o que muitos de nós diariamente sentem: as convicções e as dúvidas, a teimosia e desalento com que se vai perseguindo e perdendo a “cultura” entre nós.

### *A literatura da derrota*

Talvez este número, com que a revista se despede ou parte para outros projectos, seja mais uma peça para a antologia de frustrações, acusações, receitas, reflexões e esperanças do país adiado, do reino da estupidez, do Portugal que não-são-só-três-sílabas, das aspirações altas, nobres e lúcidas que nos últimos séculos foram compondo, contra a mediocridade e a pasmaceira, a literatura de uma derrota. Reunindo-se a Antero, a Sérgio, a Jorge de Sena, a Eduardo Lourenço, a Barradas de Carvalho e a inúmeros outros para os quais, por razões também múltiplas ou, no fundo, por uma única razão, ser português constituiu um problema — através dos regimes, no estrangeiro ou na pátria, na cidade ou nas serras. Todos aqueles para quem o país foi, no plano íntimo e na cena colectiva, uma questão consigo mesmos, com a mentalidade e os poderes, todos aqueles para quem Portugal — como cultura ou como nação — foi de algum modo, ou é ainda, o lugar de um anti-destino. E não somente os escritores; esses foram apenas os que digna, pública e profundamente pensaram e disseram os problemas que não eram só deles, mas de uma comunidade que por entre as crises se interroga (ou não) sobre a sua própria viabilidade e o seu futuro num mundo que cada vez parece mais criado por outros e para outros — ainda que esse mundo não pareça, também, estar em situação muito feliz.

### *Sair do isolamento*

Um pouco provocatoriamente, gostaria de dizer que



estas reflexões — não as minhas, mas as que espero se encontrem nas páginas antes e depois — surgissem numa revista de economia, e as questões económicas ou políticas viessem nas revistas culturais e literárias. Porque falar de mágoas e planos nestas famílias parcelares de membros desavindos que formam a nossa praça das ideias é prática escassamente resultante. Tanto La Palisse como Acácio reconheceriam com gosto, e como sempre cheios de razão, que a economia tem de passar à cultura, e a cultura à política, e que só os debates e estudos interdisciplinares, feitos para o conhecimento profundo da situação e não para ganhar fama, comer ou eleições, permitirão algum avanço. Enquanto os criadores culturais não perceberem um pouco melhor em que país e conjuntura se encontram e reivindicam estatuto, enquanto os outros produtores de bens e serviços não entenderem que o ensino, a informação e as práticas culturais são indispensáveis ao enriquecimento da comunidade e à sua razão de ser e de permanecer, não haverá o esforço articulado e sério para mudar de vida, para que a vida mude e cheguemos a tempo ao século XXI, ou pelo menos ao XX. Não porque seja obrigatório apanhar este ou aquele concorrente ao banquete dos restos, mas porque se um país não é capaz de se reconstruir, deve no mínimo conseguir funcionar.

#### *Um país avariado*

O “ainda o apanhamos” de Eça persegue-nos como perseguimos os autocarros, que ainda por cima — e em subtil cumplicidade — já vêm atrasados. Todos nós temos a experiência triste do “isto só acontece neste país” (e o “isto”) não é só o cultural, mas todo o dia-a-dia, as atitudes mentais e a rotina que espreita por trás dos *guichets* da “civilização” que impomos uns aos outros. A sensação difusa, informada, de que o país não funciona é talvez um dos fantasmas consistentes que mais pesam sobre a nossa cultura. Não nos parece anómalo — para dar um exemplo frívolo — que a escada rolante do metropolitano esteja avariada; pelo contrário, é com dissimulado alívio que verificamos estar ela, nesse dia, a funcionar. É com surpresa que encontramos lugar sentado, emprego disponível, vaga na escola, bicha para o imposto que não nos faça esperar horas, consulta médica que não nos faça esperar meses. Essa é a normalidade a que temos direito.

Nesse lugar se inscrevem as angústias de quantos pensam a função global da cultura e fazem dela o seu campo mais livre e privilegiado de intervenção. Vem então o cortejo de desastres que todos conhecem e em que colaboramos quase todos: a incompetência dos professores, o analfabetismo dos alunos, a qualidade deprimente dos meios de comunicação social, da música ou da palavra dita e escrita, a ruína do património, o lixo e o abandono do espaço urbano e do ambiente rural, o preço dos livros, a deficiência das bibliotecas e dos laboratórios, o isolamento cultural do país, a incapacidade dos quadros (desde os funcionários aos políticos), etc., etc.. É lamentável ter de reconhecer que a maior parte das grandes, pequenas e médias questões com que os jornais, a TV, as escolas e os partidos fingem preocupar-se (ou se preocupam mesmo) passam ao lado de quase tudo isto, ou afloram-no de maneira interesseira, irresponsável ou fútil.

#### *Da inércia ao debate*

Nem a cultura nem a economia são terrenos do neutro. Há posições irreduzíveis, e é bom não simular ignorá-las em nome de ingénuas e louváveis uniões nacionais e profissionais. Há, no entanto, que tentar sair desta neurose colectiva, da modorra e da demagogia. Sinto, de certo modo, ter terminado o tempo em que pudemos comprazer-nos no panfleto e nas denúncias. Só outras espécies de iniciativa — que não dispensem a informação e a crítica, que não esperem tudo dos poderes nem os acusem de tudo — conseguirão formar uma nova consciência do problema cultural que somos e vivemos. É a altura de reunir os *dossiers*, estudá-los e, em torno de plataformas plausíveis, traçar a estratégia de adequação dos meios à ordem das carências. Feito o inventário elementar, é tempo de a cultura passar à política — o que não tem obviamente nada que ver com a conversão dos criadores em criados ou em funcionários ideológicos ou comerciais.

Pensar sobre estas coisas aqui, na SEMA, faz parte da vocação esperada numa revista cultural, pertence ainda à natureza de um projecto como foi este. Mais importante será levar este debate — se o houver, como espero — para fora dos círculos comumente ocupados pela gente das artes e das letras. Sem isso, o objecto perseguido terá destino semelhante ao da arca dos *Raiders*: encontrada após longas canseiras, ficará arrumada entre outras coisas raras e imprestáveis, longe da vista e do coração daqueles a quem fora destinado o seu saber perdido.

#### *Alguns sinais*

Convém que não passemos da cultura dos mitos ao mito da Cultura, substituindo a irreflexão e o irrealismo por um psitacismo retocado que ora voltasse para a cultura a contemplação ainda inoperante das imagens pátrias. Pode ser um indício positivo que a SEC tenha ascendido a Ministério — embora seja perturbador que um tão prodigioso instrumento de cultura (e portanto de incultura) como é a Televisão esteja completamente à margem de qualquer política cultural digna desse nome. Pode ser um indício positivo, também por exemplo, que uma associação como a SEDES tenha julgado necessário incluir nos seus debates de 26 e 27 de Fevereiro a rubrica “Cultura”; diria mesmo que tal indício importa mais do que aquilo que lá possa ter sido dito (neste momento ignoro-o ainda, e os jornais, como era previsível, limitaram-se a noticiar ditos políticos e económicos). Não farei referências necrológicas — nem à *Raiz e Utopia*, nem à *Sema*; é salutar que esta revista tenha decidido terminar o seu ciclo de vida com um exame plural destas questões sem dúvida vitais para que Portugal e nós com ele vamos saindo da prostração e do atraso. Romper isolamentos e reconhecer especificidades são, ainda que pareça paradoxo, linhas da mesma escrita. Sair do desencanto, do diletantismo e da inércia, do crónico mau funcionamento dos nossos mecanismos administrativos, educativos, económicos, científicos, técnicos e informativos — eis um urgente trabalho cultural. Termina com a consciência de não ter escapado nem à repetição nem às banalidades de base; com o papel caro e o tempo raro, foi mais um vício português que não me perdoará quem teve a paciência de chegar a este ponto final.